Uma nova leitura da poética de Jorge dos Anjos

Marília Andrés Ribeiro, Universidade Federal de Minas Gerais

O texto apresenta a poética do artista mineiro Jorge dos Anjos, que mescla a vertente construtiva com a matriz afro-brasileira. O artista trabalha com várias práticas artísticas: o desenho, a pintura, a escultura, o objeto, as instalações, as experiências com diversos materiais e a performance. Desde os anos de 1970 ele atua na cena da arte brasileira e internacional, participando de salões, bienais e importantes exposições coletivas, como por exemplo, a exposição *Encuentro entre dos mares. Africas-Américas*, realizada na Bienal de Valencia, na Espanha (2006). Participa da exposição permanente do Museu Afro Brasil, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e possui esculturas monumentais em Belo Horizonte, Ouro Preto, Fortaleza e Rio de Janeiro.

Palavras chave: Artista. Brasil. Jorge dos Anjos

*

The text presents the poetics of the Minas Gerais artist Jorge dos Anjos who mixes the constructive art with the afro-Brazilian matrix. The artist works with various artistic practices: drawing, painting, sculpture, object, installations, experiences with various materials and performance. Since the 1970s he has worked in the Brazilian and international art scene, participating in salons, biennials and important collective exhibitions, such as the exhibition *Encounter between the seas. Africas-Americas*, held at the Bienal de Valencia, Spain (2006).He participates in the permanent exhibition of the Afro Brasil Museum, in the Ibirapuera Park, in São Paulo, and has monumental sculptures in Belo Horizonte, Ouro Preto, Fortaleza and Rio de Janeiro.

Keywords: Artist. Brazil. Jorge dos Anjos.

Introdução

Fundamentado em uma perspectiva teórica pós-colonialista[1], que focaliza as diferenças culturais, valoriza as comunidades específicas e dá voz às minorias e aos novos sujeitos sociais, apresento um recorte da obra de Jorge dos Anjos, inserindo-o na vertente construtiva da arte afro-brasileira[2]. Nesse sentido, pretendo lançar um olhar transversal no seu trabalho, focalizando a matriz África-Brasil como eixo que atravessa suas diferentes práticas artísticas: o desenho, a pintura, a escultura, o objeto, as instalações, as experiências com diversos materiais e a performance.

A formação artística de Jorge dos Anjos

Jorge Luiz dos Anjos é um artista afrodescendente[3] que viveu a infância e a juventude em Ouro Preto, cidade impregnada da herança colonial de Minas Gerais. Nela, o artista conviveu com a arte dos grandes mestres do barroco brasileiro, como Antônio Francisco Lisboa e Manoel da Costa Ataíde, e também com as manifestações religiosas afro-brasileiras. Foi ainda em Ouro Preto que aprendeu a usar as cores vibrantes com o pintor Nello Nuno e a construir estruturas tridimensionais com o escultor Amílcar de Castro, mestre do neoconcretismo brasileiro[4].

A vertente construtiva em Jorge dos Anjos

Desde os anos de 1970, Jorge pesquisa as várias possibilidades expressivas das artes visuais – a linha, a cor, a luz, o espaço, o movimento – e experimenta diversos materiais – a tela, o papel, o aço, a pedra, a madeira, o feltro, o plástico, a borracha –, retomando a sua matriz cultural através de imagens arquetípicas que remetem às fontes africanas[5]. Suas experiências recentes incluem as instalações e as grandes peças de borracha ou de feltro que são dependuradas nos espaços arquitetônicos[6]. Essas experiências se concretizam, ainda, por meio das performances, realizadas com marcas de ferro e fogo sobre o feltro e com os desenhos de pólvora e fogo sobre o papel plastificado.

---

[1] Essa perspectiva pós-colonialista que emerge do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das minorias dentro das divisões geopolíticas está presente nos estudos de intelectuais asiáticos e latino-americanos, como: Bhabha (1998); Nandy (2015); Duarte; Scarpelli (2002), entre outros.

[2] Roberto Conduru (2013a, p. 22), historiador da arte afro-brasileira, salienta que: "Arte afrodescendente é um termo que remete à praticas artísticas em culturas resultantes da diáspora africana no mundo. Quando referida à produção brasileira, não quer abranger só a arte produzida por nativos em África e atuantes no Brasil ou nascidos no Brasil com antepassados africanos. Tal como vem sendo feito, pretende incluir também, independentemente da origem do autor, a arte feita no Brasil relacionada a temas e conteúdos africanos e afrodescentes no país."

[3] Jorge dos Anjos tem sua origem social numa família operária que vivia em Saramenha, bairro operário de Ouro Preto. Seu pai trabalhava na siderúrgica de Saramenha, e foi ele quem mostrou para Jorge a arte da fundição do ferro. Foi o pai também quem o incentivou a desenhar e o introduziu, através do pintor e restaurador Zé Baixinho, ao ateliê de restauração de Jair Inácio, que coordenava o trabalho de restauração do IPHAN.

[4] A trajetória e a obra do artista, bem como a sua inserção na vertente construtiva da arte brasileira, são discutidas no primoroso texto de Sampaio (2010, p. 9-51).

[5] Jorge dos Anjos não só participou de várias exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, como também dos Festivais de Arte Negra (FAN), realizados em Belo Horizonte. Possui obras em vários espaços públicos e museus, entre eles, o Museu Afro-brasileiro, em São Paulo. Ver as principais exposições individuais e coletivas de Jorge dos Anjos no livro, organizado por Irena Seabra dos Anjos: *Jorge dos Anjos. Esculturas Ouro Preto*.

[6] Ver texto de Ricardo Aleixo (2016) sobre as instalações de queimados e de borracha que se inserem nas pesquisas recentes do artista com os materiais flexíveis.

Jorge não só ressignifica os símbolos das religiões afro-brasileiras, como resgata o fazer artesanal próprio do ferreiro Ogum e do pedreiro Xangô, orixás que o protegem no universo do Candomblé. Seu processo criativo se dá no embate entre o saber ancestral, revelando marcas da escravidão negra[7] e o saber contemporâneo de herança construtiva.

O artista nos revela a importância do resgate da arte africana no seu trabalho:

> A arte africana para mim é referência fundamental porque é ancestral, fala da minha origem, da minha raiz. É minha fonte vital, primeira. Diz respeito a uma ancestralidade que chegou até a mim a partir de coisas que vivencio. Aprendi lendo, pesquisando, observando, dançando, experimentando, vivendo. Inspiro-me nessa herança mais remota. Essa questão da matriz cultural é uma das coisas que mais contribuem na realização do meu trabalho (MÉRCIA; RIBEIRO; SILVA, 2002, p. 17).

Jorge tem, ainda, a preocupação com a inserção de sua obra no espaço público, visando a sua integração com a cidade, a arquitetura e a comunidade. Em 2014, realizou uma importante exposição de esculturas monumentais nas ruas e praças de Ouro Preto, homenageando o grande mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho[8].

Figura 1 - Esculturas de JLA em Ouro Preto, 2014

Recentemente, participou dos rituais de Semana Santa em Ouro Preto, construindo, junto com as crianças e a comunidade local, os tapetes devocionais coloridos com serragem,

[7] Na apresentação do trabalho de ferro e fogo de Jorge dos Anjos, o poeta Ricardo Aleixo (2011) o insere na discussão das minorias raciais e focaliza o gesto de "inversão performativa" do artista.

[8] O diálogo artístico e religioso entre Jorge dos Anjos e Antônio Francisco Lisboa é salientado no texto de Tukufu Zuberi (2014), professor de Sociologia e Estudos Africanos da Universidade de Pennsylvania.

para ornamentar as ruas da cidade e preparar a passagem da procissão da Ressurreição de Cristo. Os tapetes de Jorge dos Anjos foram construídos na Rua Direita, em frente a Casa Guignard, homenageando Alberto da Veiga Guignard, outro grande mestre do modernismo brasileiro[9].

O artista homenageia também os orixás da Umbanda e do Candomblé, reverenciando as religiões afro-brasileiras. Nesse contexto, a obra *Portal da memória*, construída na Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, para proteger o espaço dedicado à Iemanjá durante a realização dos rituais religiosos afro-brasileiros, é um exemplo dessa homenagem aos orixás e de sua interação com as comunidades afrodescendentes[10].

Figura 2 - *Portal da memória* – Pampulha, BH, 2006

O *Portal da memória* e as esculturas construídas pelo artista nos espaços públicos aproxima o escultor do contexto neoconcretista brasileiro, situando-o na vertente "construtiva crioula"

[9] *De Onde Vim*. Jorge dos Anjos, Semana Santa, Ouro Preto, 2017. Vídeo realizado por Macacas Filmes, com trilha sonora de Tavinho Moura e Marcio Borges.

[10] O *Portal da memória* é um grande recorte em aço, com a dimensão de 600 x 500 x 20 cm, construído na Lagoa da Pampulha em 2006. Foi uma demanda da Associação dos Terreiros, visando proteger a imagem de Iemanjá, que completava 50 anos, e delimitar o espaço para a prática dos rituais religiosos afro-brasileiros.

[11], conceito usado pelo crítico mineiro Márcio Sampaio para apresentar as obras de Rubem Valentim, Emanoel Araújo e Jorge dos Anjos.

De acordo com a reflexão de Márcio Sampaio (2010, p. 11):

> A obra de Jorge dos Anjos, em seu conjunto, adquire feição singular no contexto da arte brasileira, estabelecendo diálogo, por afinidade de sua matriz espiritual, com outras poéticas igualmente singulares, como as de Rubem Valentim e Emanuel Araújo, e se acha disposta para generoso colóquio com as pinturas fundadas em matrizes "primitivas", com as de Celso Renato e Eliana Rangel, e a escultura de Sérvulo Esmeraldo. Mais ainda, por afinidade processual, conduz uma reflexão consequente com o veio construtivo da arte contemporânea, por onde circula, em diversos sentidos, a *geometria sensível* – identificada em certa medida também nas formas criativas da cultura indígena, com a qual se teria processado a lição de Malevich, contribuindo para a conformação da poética neoconcreta.

Roberto Conduru (2007, p. 7), historiador da arte afro-brasileira, salienta que essa vertente construtiva revela a tensão entre o resgate de imagens da tradição afro-brasileira e o universo da arte construtiva, mostrando "a dimensão abstrata do confronto de signos construtivos e religiosos". O historiador pontua, ainda, a presença do grafismo na obra de Jorge dos Anjos, revelando uma geometria plena de vitalidade, plasticidade e corporeidade, constituindo-se uma construção libidinal.

Segundo as palavras de Roberto Conduru (2013b, p. 96):

> Vital, essa pulsante geometria é, ao mesmo tempo, um indício do processo de vir a ser da obra e um elemento propulsor de sua fruição, evidenciando uma plasticidade a envolver matérias, linguagens, sujeitos. Além de encantar com seus jogos espacialmente dinâmicos, irredutíveis apenas ao tato ou à visão, de instigante corporeidade, as obras de Jorge dos Anjos nos fazem ver que seu construtivismo é quase libidinal. Assim como pode ser construtiva a libido.

As marcas ancestrais nas *Gravaduras* de Jorge dos Anjos

Existem outras dimensões, outras ilhas, no universo de Jorge dos Anjos, que o insere nas propostas da arte contemporânea, permeadas pela transversalidade da cultura africana. São os *Queimados* ou as *Gravaduras*, as marcas de ferro que ele imprime nos tecidos de

[11] O conceito de "construtivismo crioulo" é usado por Márcio Sampaio (2010, p. 45) para definir aquele construtivismo que tem uma conformação pessoal, carregado de ethos, de tônus, que evidencia a ascendência cultural e ética e confere maior singularidade à obra de artistas como Jorge dos Anjos, Rubem Valentim e Emanoel Araújo.

feltro, usando o corpo em movimento e o ferro em brasa como ferramenta. Esse gesto o possibilita resgatar as marcas ancestrais da violência dos opressores na pele dos escravos negros.

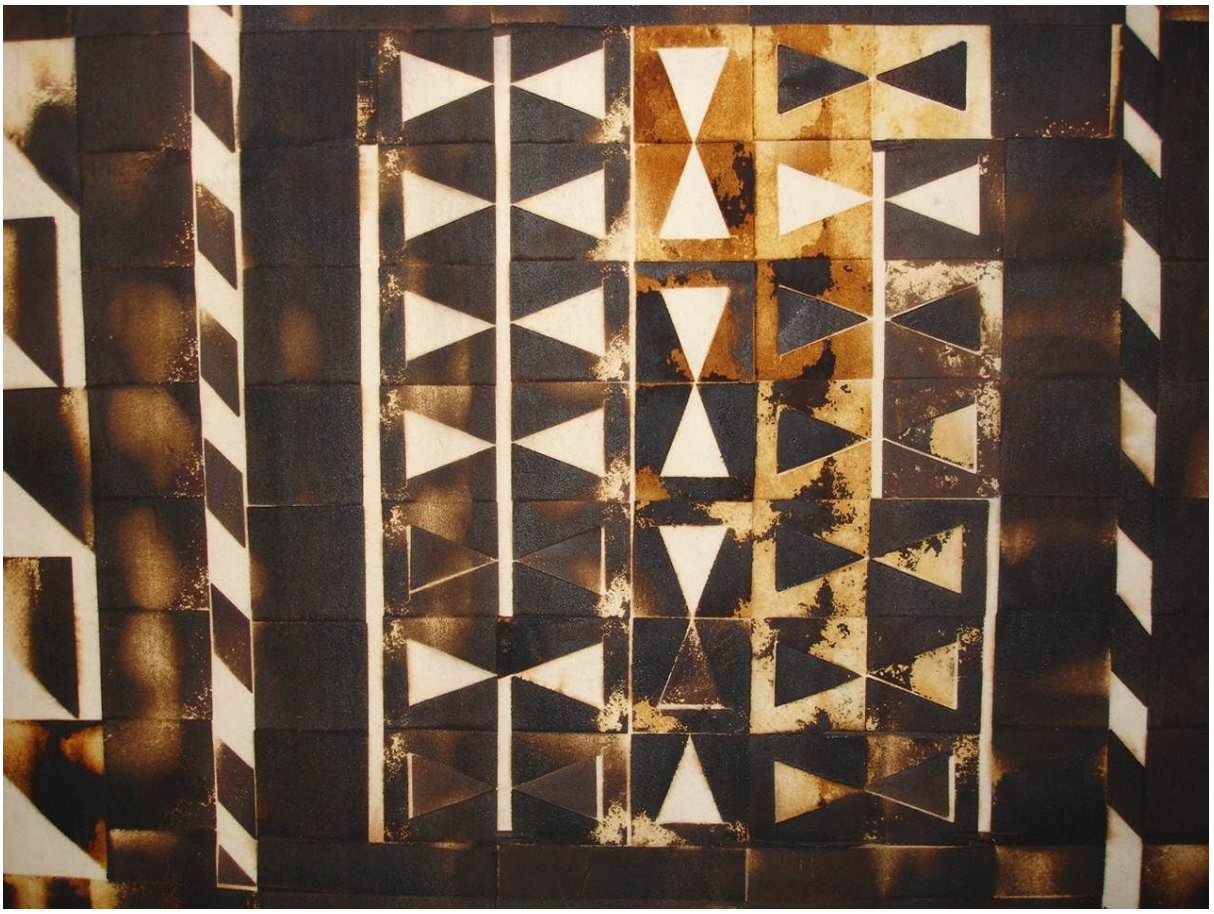

Figura 3 - *Gravaduras a ferro e fogo*, 2008

Essas marcas, registradas no tecido, são purificadas nos rituais performáticos realizados pelo artista no seu ateliê ou nos espaços públicos. Nesse território de liberdade, impregnado de música e dança, o artista estende o feltro no chão e constrói com seu corpo, usando o ferro e o fogo, desenhos geométricos que pulsam, revelando os símbolos dos orixás[12].

Jorge nos fala como foi a descoberta dos *Queimados* e das *Gravaduras* em seu processo criativo:

> Começa sempre com um acidente e observando também o trabalho. Como em um trabalho anterior que era um ferro que tinha gravado no tecido por oxidação. Deixando o aço em cima ele oxidava e passava para a lona. Eu descobri isto meio acidentalmente, observando. A peça ficava em algum lugar que ficava marcado, sujava a roupa. Uma outra coisa que eu observei também foi alguém que passou a roupa e queimou uma camisa. E essa marca era

[12] Sobre a performance de Jorge, ver o vídeo: *Jorge dos Anjos. Gravadura a ferro e fogo*, realizado por Leleo Lopes e Marcello Nicolato (Macaca Filmes), com a trilha sonora *Zumbi*, de Nana Vasconcelos, Belo Horizonte, 2017.

lavada, lavada e não saía. Então eu pensei: "gente, isso aí é uma coisa que funciona!" Depois, foram as marcas feitas nos animais, que também me remeteram à época da escravidão, em que marcavam os escravos, que era uma coisa absolutamente desumana! Então, a coisa misturou lá e depois veio misturar aqui. Quando junta tudo surge o trabalho. Ele surge dessas observações, dessas lembranças[13].

Figura 4 - Performance *A ferro e fogo*, ateliê JLA, 2009

[13] Entrevista realizada por Marília Andrés Ribeiro com Jorge dos Anjos em Belo Horizonte, 26 de março de 2008.

De forma semelhante Jorge estende uma folha de papel plastificado no chão ou numa mesa, desenha os pontos dos orixás com cola, derrama a pólvora sobre o desenho e joga o fogo que incendeia a pólvora, deixando as marcas dessa ação no papel de plástico. Jorge transforma os pontos de fogo usados nos rituais de purificação do Candomblé em *Desenhos de fogo*.

Segundo o depoimento do artista sobre a interação entre o Candomblé e a arte:

> No Candomblé os pontos têm a ver com os pontos de cada orixá e os desenhos no chão também correspondem aos símbolos de cada orixá. O meu trabalho é inspirado neste ritual, porém eu prefiro chamá-lo de "desenhos de fogo" porque ele parte de um ponto que se transforma na linha, através do gesto. O desenho é feito com cola, pólvora e fogo sobre papel plastificado[14].

Figura 5 - Performance *Desenhos de fogo*, ateliê JLA, 2008

Quando essas performances são realizadas junto aos *Vissungos*, que são "cantigas em língua africana ouvidas antigamente nos trabalhos de mineração" (QUEIROZ, 2008), elas resgatam as vozes ancestrais da África no território de Minas Gerais.

[14] Entrevista realizada por Marília Andrés Ribeiro com Jorge dos Anjos em Belo Horizonte, 17 de abril de 2009.

E quando suas performances dialogam com a poesia afro-brasileira de Ricardo Aleixo, elas estabelecem uma relação intermidiática entre a palavra, a imagem e o corpo do artista, dentro de um território propício para o aparecimento de um "*Instante infinito*"[15].

O *Instante infinito* é a exposição, realizada na Galeria do BDMG, em Belo Horizonte (2017), que celebra o encontro, a parceria e a amizade entre o artista Jorge dos Anjos e o poeta Ricardo Aleixo. O poeta/curador nos fala sobre a concepção desse evento.

> Longe de qualquer rigor programático, Jorge e eu decidimos fazer dessa mostra um ambiente multissensorial que, derivado de um jogo contínuo entre as formas que agencia procedimentos técnico-formais de áreas como a escultura, o objeto tridimensional, a gravura, a poesia visual, a videoarte, o design sonoro, a performance intermídia, a arte vestual, a fotografia digital e outras, abre-se a sucessivas reelaborações por parte de quem nele adentra. Aqui, junto com o apelo aos sentidos, tem lugar a metarreflexão promovida pela obra artística – e nisso de não separar pensamento e execução, posso dizer que tenho em Jorge dos Anjos um mestre insuperável (ALEIXO, 2017, [s.p.]).

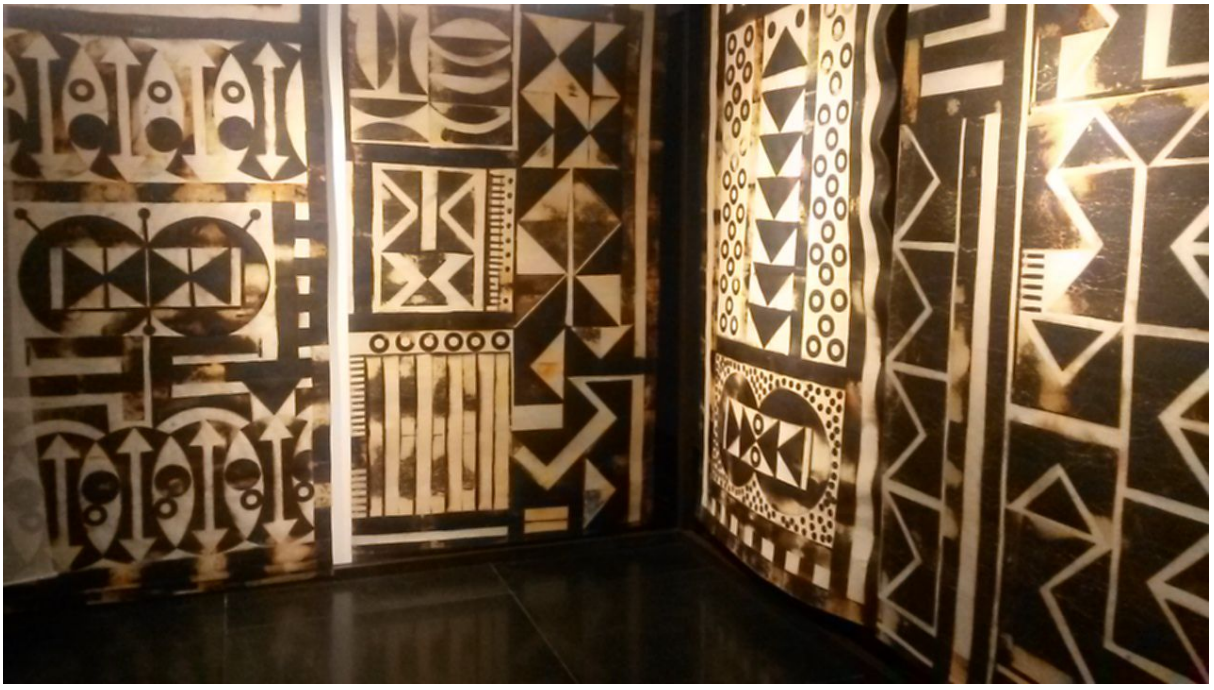

Figura 6 - *Instante Infinito*, gravaduras de Jorge dos Anjos e poemas de Ricardo Aleixo, BDMG, BH, 2017

As *Gravaduras,* os *Desenhos,* as performances e as instalações mestiças de Jorge dos Anjos não só apresentam uma justaposição entre a expansão do campo da gravura, do desenho e a apropriação da cultura popular, como mostram uma ambiguidade própria de uma mestiçagem que se situa entre a arte e a religião, entre o artista e o religioso, entre o ateliê e

[15] Ver catálogo da exposição *Instante infinito*, de Jorge dos Anjos e Ricardo Aleixo, Galeria de Arte do BDMG Cultural, Belo Horizonte, 25 de agosto a 16 de outubro de 2017.

o ritual, ressignificando tradições artísticas construtivas e tradições religiosas de herança africana[16].

O artista tem uma concepção singular de seu ateliê como uma "Casa do fazer", um espaço sagrado onde se mesclam a arte, a religião e a vida. Ele nos fala de seu trabalho no ateliê:

> O espaço do ateliê é um lugar sagrado, é como se fosse um terreno de Candomblé, onde as coisas se sucedem religiosamente. É no ateliê que construo a minha esperança, penso e busco realizar as coisas, é onde invisto todo o meu projeto de vida (MÉRCIA; RIBEIRO; SILVA, 2002, p. 19).

Jorge nos mostra que o ateliê é o espaço-tempo íntimo do artista, lugar de sua criação individual, território de liberdade onde trabalha o seu fazer artístico, a sua *poiesis*. Esse ateliê se complementa no espaço-tempo público, urbano, coletivo, de recriação social de sua arte, ampliando sua poética para a comunidade.

Conclusão

Concluindo, penso que a atitude transversal própria do olhar do pesquisador da arte contemporânea nos faz enxergar as diversas possibilidades de interpretações nas artes visuais em diálogo com outros saberes. E a poética de Jorge dos Anjos nos faz ver algumas dessas possibilidades, dentro da imensa rede rizomática[17] que constitui a cultura contemporânea[18].

Referências bibliográficas

ALEIXO, Ricardo. *A ferro e fogo*. In: *Coleção Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2011.

_____. Rígido e flexível. A forma encontra o seu lugar. In: ARTEMINAS. *O que sei, tinha sido o que foi*. Palácio das Artes, Belo Horizonte, 19 julho-16 outubro, 2016. (Catálogo da exposição).

BHABHA, Homi K. O pós-colonial e o pós-moderno. A questão da agência. In: ____. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila e Eliana Lourenço de Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CATTANI, Icleia Borsa. Mestiçagens na arte contemporânea: conceito e desdobramentos. In: _____ (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007a, p. 21-34.

CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira.* Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

[16] Sobre a mestiçagem na arte contemporânea brasileira, ver o texto de Icleia Cattani, "Mestiçagem na arte contemporânea: conceitos e desdobramentos" (2007). Sobre as instalações de Jorge dos Anjos e Ricardo Aleixo, conferir o Catálogo da Exposição *Instante infinito*, realizada na Galeria do BDMG, Belo Horizonte, 2017.

[17] Ver a reflexão de Deleuze e Guattari sobre o Rizoma em: DELEUZE; GUATTARI (1995, p. 17-49).

[18] As reflexões que realizei sobre a obra de Jorge dos Anjos e que serviram de subsídio para escrever este texto foram: "Diálogos entre lo local y lo global en el arte contemporáneo brasilero" (2009); "A transversalidade nas poéticas de Gego e Jorge dos Anjos" (2009); "A poética transversal de Jorge dos Anjos" (2011); e "A diversidade na poética de Jorge dos Anjos" (2015).

_____. À guisa de introdução: colorido negror – arte, África e Brasil para além das noções de raça e etnia. In: ____. *Pérolas Negras – primeiros fios*: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013a. p. 13-23.

_____. Construção e libido. In: ____. *Pérolas negras – Primeiros fios*: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013b. p. 95-96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: ____. *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia 2. Tradução de Ana Lúcia Oliveira, Aurélio Guerra Netto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 17-49.

DOS ANJOS, Irena Seabra (Org.). *Coleção Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: Edição da autora, 2011.

_____. *Jorge dos Anjos. Esculturas*. Ouro Preto. Belo Horizonte: Edição da autora, 2014.

DOS ANJOS, Jorge; ALEIXO, Ricardo. Instante Infinito. Galeria de Arte BDMG Cultural, Belo Horizonte, 26 de agosto a 16 de outubro, 2017. (Catálogo de exposição).

DUARTE, Eduardo de Assis; SCARPELLI, Marli Fantini (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

MÉRCIA, Janaina; RIBEIRO, Marília; SILVA, Fernando Pedro da (Org.). *Jorge dos Anjos - Depoimento*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. (coleção Circuito Atelier).

NANDY, Ashis. *A imaginação emancipatória*: desafios do século 21. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

QUEIROZ, Sônia. Vozes da África em terras diamantinas. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte, outubro de 2008. Edição Especial sobre Cantos Afro descendentes.

RIBEIRO, Marília Andrés. Diálogos entre lo local y lo global en el arte contemporáneo brasilero. In: MOREDA, Dannys Montes de Oca (Org.). *Integración y resistencia en la era global.* Anais do Evento teórico Décima Bienal de La Habana, La Habana, 31 de marzo al 3 de abril del 2009, p.197-208.

_____. *A transversalidade nas poéticas de Gego e Jorge dos Anjos*. In: MARTINS, Maria Virginia Gordilho; HERNÁNDEZ, Maria Herminia Oliveira (Org.). Anais do 18º Encontro da ANPAP, Salvador, EDUFBA, 2009, p. 2325-2335. (CD).

_____. A poética transversal de Jorge dos Anjos. In: DOS ANJOS, Irene Seabra. *Coleção Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte: Edição da autora, 2011.

_____. A diversidade na poética de Jorge dos Anjos. *Revista da UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1-2, p. 16-23, jan./dez. 2015.

SAMPAIO, Márcio. *Jorge dos Anjos*: risco, recorte, percurso. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

ZUBERI, Tukufu. Jorge dos Anjos: uma homenagem a Antônio Francisco Lisboa. In: ____. *Jorge dos Anjos, esculturas, Ouro Preto*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2014.